

DORMIR, SONHAR, REFLETIR E AMAR: REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DA CAMA EM FORTALEZA (1875-1900)

RESUMO: Este artigo tem como tema a inserção do objeto cama na cidade de Fortaleza, ocorrida através da interdependência capitalista, sendo culminante em meados do século XIX, aliado a chegada das famílias de comerciantes estrangeiros que se instalaram na capital cearense. Nesse período, conhecido como *belle époque*, houve uma significativa mudança social em várias áreas do cotidiano fortalezense, no interior dos lares, os ideais higiênicos buscavam modificar e uniformizar o hábito de dormir da população, que se fazia principalmente em redes. Através de anúncios presentes nos jornais e da literatura, percebemos como se faz a compra e venda desse objeto e que a cama se caracteriza como um objeto de distinção social, sendo acessível principalmente as camadas abastadas.

PALAVRAS-CHAVES: Cama, Representação, Anúncios, Literatura.

INTRODUÇÃO

A origem da cama é muito remota e antiga, porém acredita-se que tenha surgido ainda na antiguidade, principalmente para proteger os hominídeos contra picadas de animais peçonhentos. Os registros mais antigos quanto ao uso da cama são de aproximadamente 3.000 A.C, nas civilizações Egípcia e Mesopotâmica, constituída principalmente de uma armação retangular dobrável e os pés em formato de patas de animais, o apoio para se deitar era feito em couro trançado ou em ripas de madeira.

A movelaria grega foi marcadamente inspirada na egípcia, daí a simplicidade de seus modelos. Essas camas de modelo simples, conhecidas como Kline de klino (causa a inclinar-se; aquela em que um reclina), eram confeccionadas de madeira ou bronze, ricamente adornadas, e variam de acordo com os meios daqueles cuja utilização se destinava.

No que concerne à civilização romana, a cama teve um destaque maior na República, período marcado pelo significativo crescimento militar e populacional, decorrente da conquista e anexação de novos territórios. Com influência grega, o mobiliário tinha uma aparência pesada, maciça, embora luxuosa, em geral, pouco mudou seu formato, sofrendo poucas adaptações convenientes às diferentes utilizações. A cama era a peça mais importante, pois os nobres passavam muito tempo

deitados. Eram camas de solteiro, conhecidas como lectus – por possuírem pequenos encostos nas pontas – geralmente baixas, com cabeceiras altas e curvas.

Foi durante a idade média que as camas se tornaram fixas em um único ambiente. Foram levadas para aposentos privativos e se tornaram elaboradas e caras, pois sua composição básica era de tecidos. O dossel – cortinas apoiadas por colunas de madeira – foi adicionado no século XIV, devido a rigorosos invernos na Europa, dessa maneira retinham calor e proporcionavam mais privacidade.

Porém, a cama que conhecemos hoje tem influência francesa. Cujo quarto seria compreendido como o “coração” da casa, para o qual se lançavam os ódios, se alimentavam rancores e outras ‘sujeiras’. Por outro lado, era também um espaço protegido, embalador e propício aos abraços. Precisamente nas últimas décadas do século XVII, surge a primeira noção de conforto: espaços menores e primorosamente decorados, com móveis elaborados para que as pessoas desfrutassem da intimidade de outras. Esse período, conhecido como “século do conforto”, compreendido entre 1670-1765, difundiu-se amplamente a noção que certas atividades deveriam ser feitas na intimidade.

Antes desse período ninguém havia pensado no posicionamento e no propósito dos móveis, quando essa movimentação começou, os ricos e influentes só pensavam em suntuosidade. Havia mais objetos necessários ao lar do que nos séculos precedentes. As residências estavam cheias de coisas novas, com interiores que eram expressões do gosto do proprietário.

A CAMA NA FRANÇA

O quarto, na década de 1670, era um lugar de exibição de móveis e decoração, tinha uma enorme cama que não era usada para dormir, mas para receber as pessoas. Cinquenta anos depois, se torna um cômodo cujo objetivo era proporcionar uma boa qualidade de sono e resguardar as intimidades dos casais. Essa necessidade de um espaço para dois, que presume uma sexualidade compartilhada, vai surgindo à medida que o casamento moderno integra o amor, facilitado pela novidade em disposição dos móveis.

Sendo “As primeiras grandes estruturas de camas foram criadas no início dos anos 1670 para o Trianon de Porcelaine”³²⁹, que era uma extensão do palácio de Versalhes, onde o rei Luís XIV refugiava-se da corte e vivia em intimidade com uma de suas amantes, a Madame de Montespan. Pensada com o propósito de ser um ninho de amor, a cama era de uma estrutura impressionante,

³²⁹ DEJEAN, Joan E. O século do conforto: quando os parisienses descobriram o casual e criaram o lar moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 246.

ricamente entalhada e incluindo espelhos nas cabeceiras, tornando-se mais valiosa e adquirindo o status de móvel. No auge da suntuosidade “(...) o inventário do mobiliário real de Versalhes enumera 413, de formas extremamente variadas, conforme a madeira, a disposição das cortinas, o modelo”³³⁰

Em consequência do surgimento de um novo estilo de quarto, também surgem novos tipos de camas, como demonstração explícita de riqueza e poder. As alterações desse móvel identificavam criatividade na hora da personalização do ambiente: a opção por uma ou mais camas, estruturas espaçosas específicas para casais, modelos indicados para as crianças e outros somente para visitação. Havia dois modelos b asicos: com uma cabeceira – indicada para o quarto de exposição – e outra com duas cabeceiras – específica para o quarto com nicho – e a partir desses modelos b asicos, muitas variações começaram a surgir, como as camas “duquesa”, “em nicho” e “cama turca.

A cama no estilo “duquesa”, de aparência juvenil, seria a mais moderna. Essas continham longas cabeceiras que servia de apoio ao dossel preso a parede. Eram fabricadas em três tamanhos: o tamanho médio era de 1,2 metro; e para aqueles que queriam ficar mais à vontade, podiam optar pelos tamanhos de 1,3 a 1,5 metro.

As “camas em nicho” tornaram-se moda no início do século XVIII. Continham uma cabeceira menor e uma almofada longa; este modelo era posicionada de lado em um espaço   parte em vez de virada para o interior do cômodo, sendo a principal opção para o quarto privado.

A cama “turca” que era uma modificação da cama de nicho; era mais parecida com um sofá. Suas variedades geralmente eram batizadas com nomes estrangeiros, passando a ilusão de que a pessoa que deitasse estaria passando a noite em alguma terra exótica, amena e indolente.

O “século do conforto” foi um período extraordinário, que   impossível precisar o quão rápido e longe se espalharam as influências decorrentes desse processo. Não existindo uma periodização exata sobre em que momento da conjuntura econ mica teve início   expansão comercial francesa. Porém, é consenso entre pesquisadores aquele que diz respeito ao crescimento entre no chamado segundo império, onde conseguiu aumentar seu território de influência em cerca de nove milhões de quil metros.

A indústria francesa se estabelece com tendência a concentração em setores-chave e dispersão em pequenas unidades produtivas, colocando no mercado uma grande diversidade de produtos de consumo correntes: tecidos, móveis, vinhos e objetos de decoração. Com esse impulso econ mico, o comércio francês se projeta para o exterior. Os modelos e tecnologias que antes eram

³³⁰ PERROT, Michelle. História dos quartos. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 64

caros e inicialmente acessíveis somente a pessoas ricas, nesse novo modelo produtivo, os preços ficam acessíveis e possibilita que outros grupos sociais também as possuíssem. Sendo, segundo Denise Takeya, “a partir da década de 1840, a França lança as bases para o estabelecimento de vastas áreas de domínio e exploração, constituídas de colônias e protetorados na África e na Ásia”³³¹

Nessa rivalidade empreendida pelas grandes potências, até então França e Inglaterra, pela busca de mercados e matérias-primas, logo enxergam no Brasil um grande potencial que “poderia oferecer, no futuro, esquadros imensos não só às nossas manufaturas como à nossa indústria”³³², além da possibilidade de delimitação de zonas de influência, fazendo do Brasil uma parte desse processo.

CAMA NO BRASIL E NO CEARÁ

Após a invasão francesa a Portugal, a transferência da corte imperial para o Brasil contou com a atuação dos ingleses como mediadores dos interesses entre brasileiros e portugueses. Com a chegada da família real, seria facilitado o comércio direto com a colônia, não mais sujeitando as mercadorias à alfândega portuguesa, já que uma vez assentado o trono português, os comércios se interligariam, facilitando as trocas mercantis entre o Brasil e os países Europeus. Tão logo a família imperial desembarca, o primeiro ato do regente é abrir os portos de comércio as “nações amigas”, através da instituição da Carta Régia em 28 de janeiro de 1808, transformando as velhas práticas administrativas presentes na colônia.

As relações comerciais entre Brasil e França só tiveram início depois que se estabeleceu a paz na Europa, após 1814, despertando interesse após a assinatura do “Tratado de Amizade, Comércio e Navegação”, em 8 de janeiro de 1826, além do estabelecimento de consulados sob perspectiva de futuro comercial de áreas de interesse francês. Cabia aos cônsules apontar aquilo que seria necessário para o desenvolvimento das relações, que eram consideradas de risco, dado o “desconhecimento do país, as distancias a percorrer e, conseqüentemente, a morosidade das viagens, feitas, então, em embarcações a vela”³³³.

A partir das informações colhidas, nasce uma literatura voltada para as possibilidades do Brasil como mercado para a expansão comercial, dirigida à industriais e negociantes. Entre 1880 e 1914 as

³³¹ TAKEYA, Denise Monteiro. Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil. Natal: UFRN – Editora Universitária, 1995, p. 31.

³³² GALLÉS apud DEVEZA, Guilherme. Um precursor do comércio francês no Brasil – prefácio do Prof. João Cruz Costa. São Paulo: Brasília INL, 1976, p. 12.

³³³ DEVEZA, Guilherme. Um precursor do comércio francês no Brasil – prefácio do Prof. João Cruz Costa. São Paulo: Brasília INL, 1976, p. IX-X.

exportações quadruplicaram e a França se constitui como o segundo maior país exportador do mundo, atrás apenas da Inglaterra.

As exportações francesas para o Brasil eram caracterizadas pelos artigos de luxo, tanto em mobiliário como em vestimentas. Segundo Denise Takeya:

As importações francesas caracterizavam-se, essencialmente, pelas matérias primas necessárias à indústria (o algodão, o carvão, a lã, a seda bruta, as peles, a madeira) e pelos produtos alimentícios (açúcar, cereais, carnes, cacau e café). As exportações, por seu turno, estiveram baseadas em manufaturas compostas pelos tecidos, os objetos de luxo e decoração (os chamados “artigos de Paris”) e os vinhos.³³⁴

Esse tipo de comércio implicava uma restrição quanto a penetração em mercados amplos, pois seria a população brasileira, de maioria escrava e miserável. Portanto, as principais cidades a consumir essas mercadorias eram Rio de Janeiro, Recife e Salvador, especificamente pelas camadas mais ricas.

Nesse contexto de consumo da população, as camadas abastadas preferiam as camas em estilo francês: grandes, trabalhadas e confeccionadas com materiais caros e nobres. Este modelo estaria presente apenas em casas de famílias ricas, que já apresentavam edificações com a separação dos espaços. Todavia, o mais frequente nas casas das populações brasileiras pobres, era a existência de habitações com espaços multifunções, conforme descreve Guimarães

As casas possuíam poucos compartimentos que se aplicavam aos múltiplos usos e necessidades dos grupos que ali residiam. Num mesmo espaço que durante o dia servia de local para a preparação dos alimentos e jantar durante a noite poderia ser instalada uma rede e servir de dormitório, isto se constituiu como uma característica muito comum para as habitações brasileiras.³³⁵

Portanto, se percebe uma distinção social daqueles que possuíam camas, pois nas casas humildes, um mesmo compartimento que de dia seria a cozinha, a noite poderia servir de quarto, não tendo condições de acolher móveis, que não fossem versáteis. Os cômodos da casa seriam compartilhados entre todos os membros da família, sem necessariamente privilegiar espaços específicos aos sexos.

³³⁴ TAKEYA, Denise Monteiro. Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil. Natal: UFRN – Editora Universitária, 1995, p. 31.

³³⁵ GUIMARÃES, Luiz Antônio Valente. As casas e as coisas: um estudo sobre vida material e domesticidade nas moradias de Belém 1800-1850. Belém. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia - Dissertação de Mestrado. 2006, p. 105.

No Ceará, até meados do século XIX, a rede seria o principal objeto empregado ao descanso. O algodão, sua matéria-prima principal, já seria cultivado pelos indígenas antes mesmo da colonização, que tinham conhecimento das áreas propícias ao cultivo e técnicas de tingimento. Porém, foi a partir do aperfeiçoamento técnico, nas últimas décadas do século XVIII, que o algodão ingressa no mercado internacional, o que possibilitou a abertura da perspectiva agrícola da região, com o surgimento das primeiras fábricas de tecidos e redes.

O Ceará torna-se visível economicamente após o desabastecimento de algodão no mercado internacional, causado pela Guerra de Secessão (1861-1870). Nessa crescente procura, houve alta cotação do algodão no mercado internacional. O algodão fortaleceu as bases da economia e incentivou mudanças no espaço urbano, como a construção de estradas que ligavam as principais regiões econômicas, convertendo Fortaleza em um centro coletor-exportador, ganhando gradativamente importância no contexto da economia da província.

A cidade de Fortaleza tornou-se um importante núcleo urbano graças ao seu porto, sua separação da província de Pernambuco em 1799, o progresso da exportação de algodão e do processo de privilegiamento das capitais de província, enquanto não ocorriam as confluências de interesses de facções regionais.

Sendo “(...) nesse contexto da província que companhias estrangeiras de navegação a vapor estabeleceram as primeiras linhas regulares, ligando diretamente o Ceará, através de Fortaleza, ao mercado europeu”³³⁶. Com o estabelecimento de linhas regulares, ligando o Ceará ao mercado europeu, a partir de 1850, entre 4 e 5 navios franceses atracavam anualmente, se encarregando do transporte e permuta de mercadorias. Uma vez intensificada a atividade comercial, a tendência foi o aumento dos comerciantes atraídos pelos lucros proporcionados pelos negócios de importação-exportação e trocas mercantis em geral, trazendo a fixação de casas comerciais estrangeiras importantes para a economia cearense.

SOBRE O COMÉRCIO DE CAMAS EM FORTALEZA

No decorrer do século XIX, nota-se relações mais acentuadas do comércio francês com o Brasil, sobretudo no período conhecido como Segundo Império, tendo principalmente um grande aumento do fluxo de estrangeiros nas décadas de 1850-1860, no Ceará, os estrangeiros seriam, sobretudo franceses. Segundo Alvarenga Jr, os fatores que levaram a imigração são o advento da

³³⁶ TAKEYA, Denise Monteiro. Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil. Natal: UFRN – Editora Universitária, 1995, p. 109.

navegação a vapor e o surgimento de um sonho de riqueza fácil. No caso dos judeus, aos fatores citados acima, acrescenta-se o processo de emancipação na Europa, as manifestações de antissemitismo associadas às teorias raciais, o fim do Império Czarista, a miséria ocasionada pelo surto demográfico, o difícil acesso à propriedade fundiária e a falta de oportunidade de trabalho³³⁷.

Desde os anos 1860 nota-se transações das casas Kalkmann e Cia, Brunn e Cia, J.U.Graff e Cia, H. Saxer e Cia, Jeanvenand e Cia, Schepipty e Cia. No início da década de 1870, a Gradvohl Frères, Lévy Frères, Weill e Cia, Habsreutinger e Cia, Singlehurst e Co, e em 1872 ocorrendo a instalação da filial definitiva da Boris Frères - mantendo sua sede na França. As atividades dessas casas comerciais se baseavam na importação e exportação dos “artigos de Paris” e venda de manufaturados importados, que seriam, principalmente “modas, joias, móveis preciosos, chapéus, sapatos, sedas de todas as qualidades e uma imensidade de outros artigos”³³⁸, pronunciando a influência dos comerciantes franceses em se tratando de mercadorias “grossas”, únicos produtos, que faziam sombra aos ingleses.

Entre as casas comerciais estrangeiras francesas³³⁹ a se estabelecer no Ceará, na década de 1870, as firmas Gradvohl Frères, Lévy Frères e Boris Frères, já possuíam prestígio internacional, por manterem negócios com outras praças brasileiras, a exemplo de Pernambuco, Belém, Rio de Janeiro etc. Também mantendo negócios com comerciantes de diversas vilas no Brasil e interior do Ceará, tanto cidades, quanto vilas litorâneas, atuando ainda como agentes consulares.

Fortaleza agora experimentava contatos com os países europeus através da “(...) influência dos desdobramentos advindos da consolidação do capitalismo e de uma nova cultura burguesa, que trazia consigo o hábito do consumo e a facilitação da circulação de bens e pessoas”³⁴⁰. Esse sistema proporcionou uma reviravolta no ambiente da casa em geral, onde os franceses, principalmente investiram no capitalismo do estilo e do conforto, resignificando luxo e distinção nos objetos, numa difusão representada por um aumento na exportação desses artigos.

³³⁷ ALVARENGA JR, Eustáquio Gonzaga. Uma ponte sobre o Atlântico: Imigração, inserção e comércio dos Franco-Judeus no Ceará (Aracati – 1870/1918) – Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021.

³³⁸ DEVEZA, Guilherme. Um precursor do comércio francês no Brasil – prefácio do Prof. João Cruz Costa. São Paulo: Brasília INL, 1976, p. 6.

³³⁹ Podemos destacar as cinco casas comerciais sendo Gradvohl Frères (1872), administrada por Gerson Gradvohl e seus irmãos, a J. Klein e Figueiredo (1875-79), pertencente ao judeu alsaciano Jacques Klein e ao aracatiense Antonio Rodrigues da Silva Figueiredo, Levy Frères (1870), Boris Frères (1872) e Benoit Lèvy (1872) que com seus irmãos, comunicaram sua instalação à Boris Frères em 1872 e antes do fim da década de 70 estabeleceram - se em Fortaleza.

³⁴⁰ ALVARENGA JR, Eustáquio Gonzaga. Uma ponte sobre o Atlântico: Imigração, inserção e comércio dos Franco-Judeus no Ceará (Aracati – 1870/1918) – Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021, p. 84.

Encontramos nos jornais veiculados entre os anos de 1880-1889 diversos anúncios que dizem respeito recebimento de mercadorias pelos respectivos comerciantes estrangeiros, uma propaganda variada, que induziria as pessoas ao consumo de determinado produto, serviço ou ideia.

E sobre “a própria forma que toma o comércio no Ceará é uma forma muito semelhante a dos países judeus e árabes, especialmente no norte da África: as feiras, a casa de comércio é quase na rua. A casa guarda a mercadoria e você expõe na rua e expõe de uma maneira feérica assim, numa festa muito ostensiva”³⁴¹, acreditamos que a forma de negociar artigos de luxo se daria ativa e energicamente, entretanto a respeito de movelaria, o comércio por vezes se volta para uma outra dinâmica, por se tratar de artigos destinados a um determinado público, especificamente aqueles que, sendo uma minoria, podiam pagar por eles.

O comércio desses artigos de luxo, em Fortaleza, segue a lógica de dois sistemas paralelos, um primeiro voltado para produtos baratos e quinquilharias, vendidos pelos mascates de porta em porta ou amontoados nas ruas, e este último, destinado à venda específica de produtos de luxo, em um modelo já comum nas principais capitais da Europa – Marselha, Gênova, Florença - e em cidades como Salvador, Recife e Fortaleza. Entre os anúncios pesquisados, encontramos basicamente duas formas de adquirir: a primeira em armazéns específicos e a segunda sob a forma de leilões.

Os anúncios dos principais armazéns eram veiculados regularmente nos jornais pesquisados. Segundo Silva e Coutinho: “inicialmente os anúncios eram formados por pequenos textos sem ilustração, alguns sem títulos, do tipo “classificado” os quais ofereciam serviços: professor de línguas, casa a venda ou para alugar, oferta de escravos, recompensa para quem encontrasse algum negro fugitivo.”³⁴², também percebemos que se tratavam de anúncios de longa duração, que apareciam frequentemente ao longo do ano, e alguns limitavam-se a abordagem tradicional de listar os itens disponíveis, como o exemplo do anúncio a seguir:

Vende-se Móveis, Calçados Inglês Hosteeck, Camas e cadeiras avulsas, Toiletes e welecpedes No depósito à rua Formosa n. 38 A.D. GERALDO ³⁴³

O fragmento acima foi retirado do Jornal Pedro II, este foi corrente nas edições entre os anos de 1888 e 1889, onde é possível ver os itens que estariam disponíveis para aquisição, dentre eles,

³⁴¹ BARROSO apud LEITÃO, Cláudia Sousa. Memória do comércio cearense. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2001, p. 57.

³⁴² SILVA, Fernando Mendes da; COUTINHO, Renata Corrêa. Raízes Históricas da propaganda no Brasil e no Mundo. Biblioteca online de Ciências da Comunicação, 2012, p. 4-5.

³⁴³ Jornal Pedro II, 20/07/1888, p. 2.

camas, não especificando diretamente de que material ou modelo. Uma das estratégias comuns era a veiculação de um mesmo anúncio em mais de um jornal simultaneamente, a fim de gerar demanda e atingir um maior público, que seriam os leitores de jornais veiculados ao partido conservador – Pedro II – e veiculados ao partido liberal – Gazeta do Norte e O Cearense. Notamos, que há particularidades, quanto aos anúncios dependendo do jornal e ano de veiculação, não sabemos precisar se por conta do preço do anúncio, do tipo de formatação ou convicções políticas presentes no folhetim.

Acerca dos leilões, segundo Fernandes

Os leilões eram realizados em sua maioria em armazéns alugados para o evento ou de propriedade dos comerciantes, mas também costumavam ocorrer no imóvel que seria liquidado, ou mesmo em outro local onde se encontravam os objetos. Principalmente quando se tratava da dispersão de bens com a finalidade de pagamento de dívida, por motivo de falência, morte ou viagem, os leilões de variedades tinham como lugar preferencial a própria residência.³⁴⁴

Seriam as mercadorias de uma grande variedade de tipologias, seriam desde utensílios domésticos, objetos decorativos, cortes de tecido, roupas e acessórios, ferramentas, carruagens, cavalos, navios, até bebidas e alimentos. Algumas vezes os lotes reuniam objetos de um tipo de específico, geralmente manufaturas importadas da Europa ou artigos francamente avariados pelo percurso.

São anúncios são de curto prazo, sendo “(...) todos do tipo em que a linguagem reproduz a fala cotidiana, e a dos vendedores ambulantes”³⁴⁵, tendo veiculação diária até o dia marcado para ocorrer. A seguir, um anúncio de leilão veiculado no jornal Pedro II no ano de 1888:

Leilão por intervenção do Agente Jatahy Na residência da Exm^a Sr^a D. Francisca Carreira da Cunha que vae para a Europa. A rua Conde d’Eu n. 87. Sabbado 25 de fevereiro corrente, ao meio dia de Mobília de jacarandá para a sala, piano novo com cadeira e estante para música, jarros, elagéres, escarradeiras, esteira para salla, guarda vestidos, toilette com marmore, cama com coixão de mallas, retreta, lavatórios, commoda com toucador, bancas com marmore, espelhos, cabides, cadeiras, jarros e bacias, mesa para jogo, cama com rêde de arame, quadros, mesa para jantar, serviço para chá e café, vidros e muitos outros objetos para uso doméstico.³⁴⁶

³⁴⁴ FERNANDES, Caroline. Caminhos do objeto, a afirmação do leilão e os primeiros capítulos de uma História do comércio no Brasil oitocentista. Revista Mosaico, v. 10, p. 67-80, 2017.

³⁴⁵ GRAF apud SILVA, Maria Claudia Vidal Lima. Uma revolução no tempo das trocas: arquitetura do ferro na cidade de Fortaleza (1880-1910) – Dissertação (Mestrado em História e Culturas). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2015, p. 5

³⁴⁶ Jornal Pedro II, 23/02/1888, p. 3.

Nesta forma de negociação, podemos perceber uma maior variedade de produtos e modelos disponíveis, por se tratar de itens, por vezes, únicos. Segundo Gilberto Freyre “(...) eram leilões que se realizavam sempre pela manhã: às nove, às dez horas ou às dez e meia. Ou ao meio-dia em ponto. A horas certas e exatas, mas não à mesma hora. Nem sempre, ou só, as dez horas...”³⁴⁷.

Esses anúncios compõem-se de textos curtos, informativos e sem imagens. Adjunto, às vezes, é acrescido o nome dos antigos donos das mercadorias e a motivação da venda dos itens: chegada de vapores com mercadorias e mudança de domicílio, o que nos fez indagar se saber quem era o antigo dono seria um fator determinante para a compra dos itens, sabendo que “as coisas atam as relações das famílias e dos círculos de amizade”³⁴⁸.

Percebemos que nos leilões realizados em Fortaleza, uma variedade sobre os artigos de luxo veiculados – como pianos, mesas, guarda-roupas, dentre outros – e itens menores – como, por exemplo, chapéus, tecidos, vinhos, perfumes, dentre outros – e uma diversidade, quanto aos mercadores desses produtos, que seriam produtos franceses, vendidos sob o sistema característico inglês, o leilão. Acerca dos modelos e materiais de fabricação das camas, que encontramos nesses anúncios, é o que trataremos a seguir.

VARIEDADE DE CAMAS PRESENTE NOS ANÚNCIOS

Mesmo após o período conhecido como século do conforto, “a influência francesa era inegável quanto a decoração de interiores e produtos de exportação, sendo quarto ocidental, portanto, e sobretudo francês”³⁴⁹. Por necessidade, conforto, saúde ou até puro exibicionismo, é certo que vários modelos de camas foram desenvolvidos para suprir gostos personalizados daqueles que as adquiriam, chegando até Fortaleza através da difusão e os usos de objetos trazidos pelos vapores que faziam linhas diretas com a Europa ou fabricadas em pequenas manufaturas locais com modelos inspirados nas clássicas camas francesas.

No anúncio a seguir, podemos ver, pelo menos, três modelos de cama: cama de ferro, de vento e estilo francesa.

³⁴⁷ FREYRE, Gilberto. *Inglese no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*; prefácio de Otávio Tarquínio de Sousa. 2ª ed. Rio de Janeiro, J. Olympio: Brasília, INL, 1977, p. 116.

³⁴⁸ FREITAS, Antônio de Pádua Santiago. *Interdependência e civilização nas cidades do Ceará: os agentes e as coisas (1860-1930)* - Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2016, p. 68.

³⁴⁹ PERROT, Michelle. *História dos quartos*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 23

Leilão por intervenção do agente Jatahy no Hotel Comercial – À rua Major Facundo n. 2 – (para sua liquidação) Sexta-feira 11 do corrente ao meio-dia de espelhos, guarda-louça, machina para limpar faccas, relógios, mezas grandes, bancas diversas, cadeiras de diversos formatos, cadeiras de balanço, sofá, marquizes, cama franceza, camas de ferro e de vento, banheiros, barras grandes, rotulas e compartimentos de madeira, louça, vidros, trens de cozinha e diversos objectos de padaria.³⁵⁰

A cama de vento é um objeto bastante compacto, com uma armação simples e dobrável de ferro, com apoio feito de material grosso semelhante a uma rede, por vezes de couro, que sustenta a pessoa que está dormindo. Modelo bastante conhecido desde a colonização brasileira, associado as classes baixas, pois lembra a mulata “que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem”³⁵¹, ou até a ama de leite em que os ioiozinhos “sem dormir sozinhos, mas na cama-de-vento da velha mucama”³⁵².

A cama de estilo francesa era considerada um modelo tradicional, até um tanto simples se comparada aos diversos modelos, que circularam na França no período do século do conforto. Ela possuía apenas uma cabeceira, mas bem entalhada, com decorações que remetiam ao luxo, podendo ser constituída de madeira ou de latão.

Segundo Luã Lopes, a cama francesa não era um objeto tão comum assim, e quando identificada “(...) foi em domicílios de pessoas que eram escritores, doutores, coronéis, comerciantes ou que ainda possuíam títulos nobiliárquicos.”³⁵³, justamente a população consumidora dos jornais e que ansiavam pela modernização da capital.

A partir desses anúncios, subtemos que cada modelo se destinava a um determinado público, pois ao oferecer camas em estilo marquesa, que era muito parecida com um sofá, um modelo clássico e associado à realeza francesa, provavelmente destinado as pessoas abastadas, e a cama com palhinha, que seria associado aos camponeses e a pobreza, sendo fácil conseguir a matéria-prima de seu fabrico, seria, portanto, mais barata, destinada para as pessoas mais humildes.

A seguir, aprofundaremos como a cama aparece na literatura do século XIX, destacamos os principais modelos e materiais, que estão descritos nas obras e os usos, que foram empregados ao objeto.

³⁵⁰ Jornal Gazeta do Norte, 09/06/1880, p. 4.

³⁵¹ FREYRE, Gilberto. Casa-grande e Senzala: formação da família patriarcal brasileira sob o regime da economia patriarcal; 1933, apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 51. ed. São Paulo: Global, 2006, p. 367.

³⁵² Ibidem, p. 458

³⁵³ LOPES, Luã Rodrigues. Vida Material: analisando o processo civilizador a partir dos objetos domésticos pertencentes as elites de Fortaleza (1871-1893) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2017, p. 141.

REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DA CAMA

A fonte principal que permeia este tópico serão romances publicados entre os anos de 1875 e 1889, sendo uma fonte inesgotável, pois segundo Sandra Pesavento mesmo “a literatura medíocre, de pouco valor, vulgar, mas de consumo em uma determinada época, pode dizer muito sobre o gosto, as preferências, as sensibilidades dos homens em um certo momento”³⁵⁴. E partindo do interesse específico de resgatar sensibilidades e interações das pessoas com o objeto cama, quase um processo de transição, modificando o hábito de dormir de rede para o dormir na cama.

As décadas finais do século XIX e início do XX foram marcadas pela mudança nas escolas literárias em voga, do Romantismo – romântico e idealista – ao Realismo - científico, naturalista e materialista – sem dúvida, uma época de ouro, onde os autores “[...] procuravam carregar ao máximo as suas obras de conteúdo histórico, num esforço de vê-las compartilhar assim, influenciando e deixando-se influir no destino da comunidade a que se ligavam conscientemente”³⁵⁵.

O conceito de práticas e representações, segundo Marcelo “(...) são tomadas como dimensões inextricáveis da vida cultural, alimentando-se mutuamente, sem que as seja possível compartimentar.”³⁵⁶, por isso a escolha desse conceito se fez tão essencial para a composição deste trabalho.

Segundo Roger Chartier, as representações podem ocorrer em dois sentidos, primeiramente como “dando a ver uma coisa ausente” se dando esta representação “como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém”³⁵⁷ ou ainda como uma “representação simbólica”, que nesse caso “consiste na representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais (...) O leão é o símbolo do valor; a esfera, o da inconstância; o pelicano, o do amor paternal.”³⁵⁸ Percebemos que a cama é carregada de uma representação simbólica como lugar de pensamentos, meditação, reflexão, amor, etc

³⁵⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. IN História da Educação, ASPHE/ FaE/UFPEL, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003, p. 40.

³⁵⁵ SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 151.

³⁵⁶ REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 4, n. 1, p. 265-282, 1996.p. 273.

³⁵⁷ CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Tradução de Manuela Galhardo. Portugal:DIFEL – difusão editorial, 2002, p. 20.

³⁵⁸ Ibidem, p 20.

Sendo assim, utilizamos a literatura como fonte na perspectiva de criar “uma modalidade narrativa referencial ao mundo, com pretensão aproximativa”³⁵⁹, pois esta é tida como uma ficção controlada e um registro privilegiado de seu tempo.

CAMA DE FERRO

A cama de ferro, até então, o modelo mais recomendado pelos sanitaristas e de uso geral em várias partes do Brasil, sendo o uso do ferro, segundo Maria Cláudia então compreendido “(...) por meio de uma dependência de uma cultura importada que expressava um símbolo de civilização e progresso”³⁶⁰.

Sabendo que “(...) os imigrados abrigaram-se majoritariamente na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império”³⁶¹, essas modas processam-se da capital para outras cidades-satélites e, então para os interiores. Nesse exemplo, os artigos chegam do Rio de Janeiro, passando em Recife, daí então para Fortaleza e interiores, sistema que logo foi facilitado com as importações direto da Europa com a presença das famílias ligadas ao comércio.

Evidenciamos essas trocas na obra *A Normalista*³⁶², de Adolfo Caminha, publicada em 1893, que tem como cenário a cidade de Fortaleza. Observamos a presença de uma Cama de Ferro, objeto que iria fazer parte da casa de Lídia Campelo, uma moça recém-casada, conforme o trecho a seguir:

— “Oh! a cama!”, saltou a Lídia, sentando-se no belo leito de ferro azul com esmaltes de ouro, armado à inglesa em forma de dossel.” Achava muito elegante as camas que se estavam usando. Experimentou o enxergão de arame calcando -o com o corpo. Magnífico!³⁶³

Pudemos notar o papel central que a cama fazia ao quarto, já que esta faz questão de a mostrar por ocasião da visita da amiga, Maria do Carmo, a sua casa, mantendo vivo o hábito francês de exibição dos móveis e da casa. Neste caso, a posse se dá por uma família de classe média, que optou pelo modelo inglês, que seria o mais barato, mas não menos elegante, pois ainda possuía característica do modelo francês – o dossel.

³⁵⁹ PESAVENTO, Sandra Jatayh. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. IN História da Educação, ASPHE/ FaE/UFPEL, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003. p. 37.

³⁶⁰ SILVA, Maria Cláudia Vidal Lima. Uma revolução no tempo das trocas: arquitetura do ferro na cidade de Fortaleza (1880-1910) – Dissertação (Mestrado em História e Culturas). Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2015. p. 131.

³⁶¹ ALVARENGA JR, Eustáquio Gonzaga. Uma ponte sobre o Atlântico: Imigração, inserção e comércio dos Franco-Judeus no Ceará (Aracati – 1870/1918) – Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021, p. 64.

³⁶² Escrito por Adolfo Caminha em 1893, sendo pouco apreciado à época da publicação. É um romance regionalista, que tem como cenário a cidade de Fortaleza

³⁶³ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista* (Cenas do Ceará). 14. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002, p 73.

Acreditamos que este modelo também seria o preferido entre os recém-casados em geral, pois [...] “no século XIX, os casais populares se endividam para comprar uma cama quando decidem passar do estado de concubinato para o de casamento, ambição amplamente compartilhada pela importância que confere”³⁶⁴. Ainda assim, a cama de ferro seria um item caro, pois a exemplo dos personagens que as possuem em Fortaleza, limita-se a personagens com boas condições financeiras. No exemplo abaixo, excerto retirado do romance *A Afilhada*³⁶⁵, a cama de ferro em questão está presente na casa de Afrodísio Pimenta, um comerciante de Fortaleza:

E o Afrodísio sentiu-se bem, naquele ambiente sujo. A tia Manuela desenvolveu largo sorriso, e indicou o pano de baeta que vedava o biombo. No interior deste, sobre um mocho, ardia uma vela de carnaúba enfiada num frasco. Em uma cama de ferro, cujo lastro exalava amoníaco e bodum, estendia-se, envolto em camisa alvíssima, um corpozinho louro.³⁶⁶

O trecho destacado nos evidenciou duas questões, a primeira a variedade de modelos de camas de ferro na capital, em contraponto com o exemplo presente em *A Normalista*, Afrodísio não era casado e não pretendia se casar, então, a cama de ferro seria um modelo para solteiros, não tendo muitos enfeites e sem a presença de dossel. O segundo ponto é em relação a higiene do quarto de Afrodísio, enquanto a cidade de Fortaleza está se modernizando sob influência do discurso higienista, observamos o apreço que o personagem tem pela sujeira, e como este se sente bem mesmo em um espaço infecto e fétido, mostrando a resistência de uma pequena parte da população as novas normas sociais.

A cama de ferro seria um modelo popular, mas somente entre as classes altas da capital, se fazendo notar em diferentes tamanhos – de solteiro e para recém-casados – por sua fabricação em material mais acessível e por sua praticidade de transporte. Enquanto aqueles que já seriam casados há alguns anos, já possuíam estabilidade e as condições necessárias para obter uma cama de madeira.

CAMA DE MADEIRA

A madeira em si já era de uso corrente no fabrico de móveis em todo Ceará, esses objetos já faziam parte do cotidiano das pessoas com melhor condição financeira. Os móveis de madeira eram mais resistentes, podendo ser passados como herança a filhos e netos, comprados mediante a

³⁶⁴ PERROT, Michelle. História dos quartos. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p 63.

³⁶⁵ Escrito por Manuel de Oliveira Paiva, sob a forma de novela. Sendo publicada no folhetim *Libertador* no ano de 1889. É um romance regionalista que tem como cenário a cidade de Fortaleza.

³⁶⁶ PAIVA, Manuel de Oliveira. *A Afilhada*. Edição de base: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993, p 152.

promessa de durarem muito, em contraposição a cama de ferro, com a questão da oxidação, por ser Fortaleza, uma cidade litorânea.

Encontramos no romance *Dona Guidinha do Poço*³⁶⁷, com a trama que se passa entre os anos 1825-1828, no inventário herdado por Margarida, a Guidinha, alguns móveis de madeiras que foram herdados por ocasião da morte de seu pai:

BENS MÓVEIS

Oratório de três vidros. Móveis de pau-amarelo, de imburana, de cedro. Cômodas, Canapés. Dois tremós com mesa de assento de pedra -mármore e pés dourados, com dois espelhos grandes de vestir. Cadeiras pintadas. Duas cadeiras grandes de sola picadas. Tábuas e rolos de cedro³⁶⁸.

Neste fragmento podemos notar três tipos de madeira que eram produzidos alguns móveis - pau amarelo, imburana e cedro – materiais que agregam mais valor ao objeto, tornando-o acessível a poucos. Até então, a presença de redes era mais disseminada que a cama, mesmo no quarto do casal Margarida e Joaquim.

Para Sandra Pesavento “[...] o momento da feitura do texto torna-se essencial para o entendimento das ações narradas, sejam elas acontecidas ou não”³⁶⁹, ou seja, o tempo que a obra foi escrita nos esclarece mais sobre o tempo a que essa se refere, portanto, a época de 1852 as camas ainda não eram um móvel popular nas casas cearenses, onde a rede predominava.

Em *O Sertanejo*³⁷⁰ a presença da cama é identificada como leito, presente na casa-grande da fazenda, enquanto a maioria da população é afeita ao uso da rede. Importante destacar que também encontramos referência a um tipo especial de madeira, o Jacarandá – que seria a principal madeira empregada à época – onde o personagem Arnaldo arma sua rede para descansar, nos revelando que se tratava de um tipo comum no Ceará, também que seria bastante resistente para suportar peso das pessoas.

Posteriormente, podemos encontrar alusão a uma cama de Jacarandá descrita também no romance *A Normalista*: “— Pois não achas, Teté, dizia ele em camisa de dormir, aconchegado à D.

³⁶⁷ Escrito por Manuel de Oliveira Paiva, a obra foi escrita por volta de 1891, mas foi publicada em 1852, após sua morte. A trama é baseada em fatos verídicos, tendo como inspiração a história de Marica de Paula Lessa, trama ambientada em Quixeramobim – CE.

³⁶⁸ PAIVA, Manuel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*. Domínio público, 1952. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16998. Acesso em: 13 fev, 2020, p 3.

³⁶⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. IN *História da Educação*, ASPHE/ FaE/UFPEL, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003. p. 38.

³⁷⁰ Escrito por José de Alencar, publicado em 1875. Categorizado como romance regionalista, a trama se passa no interior de Quixeramobim – CE.

Terezinha, na larga cama de jacarandá: não achas que é um desaforo aquele patife vir à nossa casa para namorar?”³⁷¹. A larga cama de Jacarandá seria do casal Teresa e João, pais adotivos de Maria do Carmo. João era um amanuense, portanto possuía alguma condição financeira para adquirir o móvel, e já era casado há vários anos assim como percebemos uma cama de madeira no quarto do casal Fabiana e do Desembargador Osório Ferreira Góis, os pais de Maria das Dores em *A Afilhada*:

O guarda-roupa alteava-se de um lado, e de outro avultava a cama do casal, aberta ao ar, sem cortinados, com os cobertores estendidinhos e com um montão de travesseiros. A rapariga estribou na cabeceira da cama, de madeira enflorada, alta cerca de um metro, e segurando a corda que pendia do armador, onde enfiava o punho de uma rede, içou-se até botar o rosto na altura dos entalhes da bandeirola.³⁷²

A cama de madeira presente no quarto de Fabiana e Osório seria um modelo simples, que não havia o dossel, mas haveria uma cabeceira de madeira enflorada, um provável trabalho de entalhe de um artesão local. Este trecho nos remete que a importação não foi o meio exclusivo de aquisição. Havia pessoas no Ceará que se especializam em fazer e consertar colchões, que eram cheios com um capim fino, que servia de alimento aos animais de transporte.

Segundo Leônidas Fernandes “(...) todos os móveis importados chegavam desmontados e seus parafusos vinham em saquinhos amarrados às peças. Os carpinteiros locais logo ficaram ‘doutores’ em montagem de móveis.”³⁷³. Também convinham as famílias de classes mais elevadas se utilizar do serviço dos marceneiros para a fabricação daquilo que não conseguiam ou não lhes convinha importar, nesse caso, grandes camas fabricadas com madeiras e modelos escolhidos por aquele que a adquiria, como foi o exemplo da cama de couro, produzida localmente com matéria-prima abundante no Ceará.

CAMA DE COURO

A cama de couro também foi um item presente no cotidiano cearense, podemos pensar que este item também deve ter sido comum em toda a região Nordeste, que desde o período colonial, onde os sertanejos se familiarizaram com o couro. Podemos entender essa relação a partir do estudo de Celso Furtado, quando nos diz que “[...] é necessário ter em conta que a criação de gado também era em grande medida uma atividade de subsistência, sendo a fonte quase única de alimento, e de

³⁷¹ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista (Cenas do Ceará)*. 14. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002, p 8.

³⁷² PAIVA, Manuel de Oliveira. *A Afilhada*. Edição de base: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993, p 39.

³⁷³ FERNANDES, Leônidas Cavalcante. *Aracati: o que pouca gente sabe*. Fortaleza: ABC Editora, 2006, p 27.

uma matéria-prima (o couro) que se utilizava praticamente para tudo.”³⁷⁴, dentre cadeiras, banquetas, roupas, chinelos, o couro também serve de matéria-prima para o fabrico de cama.

No caso específico do Ceará, o couro foi um determinante na colonização da capitania do Siará Grande, atingindo “seu ápice a partir da primeira metade do século XVIII, sobretudo com a Carta Régia de 1701”³⁷⁵. Na época de nosso recorte, a pecuária já era uma atividade difundida e “o couro representava a matéria-prima por excelência, na confecção artesanal dos utensílios empregados naqueles redutos – tanto no campo, como na lida doméstica. O produto entrou de tal modo na vida sertaneja, a ponto de Capistrano denominar uma civilização do couro.”³⁷⁶, pois seria “(...) de couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos”³⁷⁷, remetendo a um objeto que duraria bastante tempo, modificando por vezes sua utilização primordial, cama de dormir, conceber e dar à luz. Encontramos referência a Cama de Couro no romance *O Sertanejo*, no trecho a seguir: “A um canto via-se no chão a cama feita de um couro de boi em cabelo, servindo-lhe de cabeceira a armação dos chifres do mesmo animal presos à caveira”³⁷⁸.

Neste segundo trecho temos a cama de couro feita pelo vaqueiro Arnaldo, no interior de uma caverna, que agora serviria de abrigo ao seu amigo fugitivo, Jó. Através dos dois trechos percebemos a diferença entre as duas camas, o primeiro modelo seria um constituído por um artesão, composta por outros materiais e tendo a base ou estrado de couro, que por ser cara era inacessível a família de retirantes, enquanto o segundo modelo seria bem rústico, utilizando ainda outras partes do animal na confecção da estrutura, como ossos e chifres, o que de certa forma a tornaria bem mais acessível.

Em *A Afilhada* também encontramos referência a uma cama de couro quando:

Antônia, estirada na cama de couro, de vestido preto, com a sua tez, cujas imperfeições apagavam-se na penumbra, e aqueles cabelos dourados, estava mesmo uma pintura. Entrasse ali agora o Afrodísio! Aquele para quem ela se sentia de todo inclinada! Sonhava desposá-lo.³⁷⁹

³⁷⁴ FURTADO apud FREITAS, Antônio de Pádua Santiago. *Interdependência e civilização nas cidades do Ceará: os agentes e as coisas (1860-1930)* - Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2016, p. 27.

³⁷⁵ JUCÁ, Gisafran Nazareno. *O espaço nordestino – o papel da pecuária e do Algodão*. História do Ceará. Org. Simone de Souza. Fortaleza. 1994. Páginas 15-21. p. 17.

³⁷⁶ GIRÃO, Valdelice Carneiro. *Da conquista à implantação dos primeiros núcleos urbanos na Capitania do Siará Grande*. História do Ceará. Org. Simone de Souza. Fortaleza. 1994. Páginas 25-44. p. 34-35.

³⁷⁷ ABREU apud FREITAS, Antônio de Pádua Santiago. *Interdependência e civilização nas cidades do Ceará: os agentes e as coisas (1860-1930)* - Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2016, p. 31.

³⁷⁸ ALENCAR, José de. *O Sertanejo*. Apresentação: Celina Garcia e Cely Pinheiro de Sá. Diário do Nordeste; Fortaleza, 1998, 30.

³⁷⁹ PAIVA, Manuel de Oliveira. *A Afilhada*. Edição de base: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993, p. 53.

O trecho acima traz referência a um momento de intimidade da personagem Antônia, a afilhada da família Góis. Antônia, que era órfã de mãe teria sido acolhida a esta família por ocasião da cegueira de seu pai. Portanto, Antônia seria um ente querido da família Góis, dormindo no mesmo quarto que Maria das Dores, a filha legítima. Reservava-se a Antônia uma rede –assim como para Maria das Dores – e junto as escravas da família, uma cama de couro, que seria um modelo acessível localmente.

Antônia parece estar bem e relaxada na cama de couro, na intimidade da camarinha ela se permite sonhar com um possível casamento com Afrodísio. Momento que é interrompido quando um pássaro adentra a camarinha e esta se assusta. A solidão e o conforto a permite imaginar uma vida ao lado de um jovem rico, sonhar com um futuro melhor, evocando, segundo Michelle Perrot “a história de suas buscas e de suas aquisições, ao mesmo tempo que os acontecimentos, lugares e pessoas a que estão associados, pois os objetos se inscrevem na existência material e sentimental.”³⁸⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cama, que é um objeto que desde a antiguidade sofre as interferências do meio que a produz, a partir do século XVI vai adquirindo novos formatos e uma variedade de modelos, chegando até a arrecadar novas utilidades nas sociedades, que buscaram freneticamente inserção no novo modelo de civilização. A cama está ligada a um jogo de trocas associado ao sistema capitalista, que passou por diversas transformações ao longo dos anos, sendo na França, onde se consagrou, como tantos outros móveis modernos, em um objeto associado tanto ao luxo, quanto ao conforto de uma classe alta, que se preocupava com a acumulação de capital, e nesse estágio, transforma também este objeto em mercadoria de exportação.

A cama faz ainda uma longa viagem, a bordo dos vapores europeus, que numa fase concorrencial, encontrando no Brasil, um leque de oportunidades para a formação e consolidação de um novo mercado consumidor. As mercadorias que aqui chegam, para além de seu valor comercial, vem carregadas de hábitos, costumes e significados, que remetem ao seu país de origem. Esses produtos são destinados a um público-alvo, aquelas camadas mais ricas que provavelmente já teriam tido contato com eles em viagens anteriores à Europa, ou então, buscavam uma assimilação de costumes com aqueles em voga na Europa.

A chegada de famílias de comerciantes foi comum em todo o Brasil, vislumbramos a instalação, principalmente nas capitais, como Rio de Janeiro, Belém, São Paulo e Ceará. Todavia, essa

³⁸⁰ PERROT, Michelle. História dos quartos. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 100.

influência perpassou as barreiras geográficas, onde cada vez mais iam seguindo rumo às cidades mais longínquas na venda dos produtos importados. À medida que houve a fixação e instalação definitiva desses comerciantes, sob a forma de casas comerciais, percebemos um maior fluxo de vapores em direção à Fortaleza, carregados de produtos diretamente da Europa. Os produtos variavam, seriam as últimas modas em vestimentas, tecidos, bebidas e mobiliário, chegando assim os primeiros modelos de camas para o Ceará, através dos portos de Aracati e Fortaleza.

Nessa acepção, a cidade de Fortaleza torna-se um locus da atividade produtiva cujo objetivo era a acumulação de capital, um capital sob a forma de produtos que socialmente gerava uma distinção entre aqueles que os possuíam ou não.

A literatura foi essencial no entendimento das relações que as populações faziam da cama, que não estão descritas em documentos oficiais. Notamos que o quarto não perdeu totalmente a função de lugar de exibição, pois sua constituição era sinônimo de evidência das posses de seus habitantes. A cama, o objeto central, estava envolta em um ambiente que expressava todos os princípios assimilados da Europa, numa cidade, que estava extasiada com todas as novidades que aportavam semanalmente.

A cama torna-se um objeto de distinção social à medida que lhe é atribuído um caráter simbólico que as diferencia daquelas que são produzidas localmente, não sendo mais uma simples cama, mas uma cama francesa.

Nesse sentido, refletimos que através de um debate como esse também contribuimos com os estudos voltados para a Cultura Material em Fortaleza e do resgate de uma história ainda pouco contada.